

Uma reflexão sobre linguística e semiótica em tempos de pandemia

A reflection on linguistics and semiotics in times of pandemic

Elaine Cristina de Queiroz Silva¹, Sueli Maria Ramos da Silva²

Resumo: Este artigo busca realizar uma reflexão teórica sobre os conceitos da Linguística Geral e da Semiótica anelados à abordagem temática da pandemia de COVID-19. Considerando a língua como fato social e suas diferentes realidades, esta pesquisa se propõe a demonstrar que, em meio à crise sanitária mundial, os diversos discursos elaborados advindos dos meios digitais disseminam e exemplificam dados que corroboram com os conceitos de arbitrariedade dos signos e a não estabilidade da língua. Sendo assim, os discursos trazem à lume processos de mudança linguística, as variações sincrônicas, como os neologismos, que oportunizam um novo sentido ao discurso. A pesquisa de cunho bibliográfico se apoia no ferramental teórico de autores como Saussure (2018), Greimas (2020), Hjelmslev (1975), Landowski (2017) e Barros (2020).

Palavras-chave: Linguística; Semiótica; Mudança linguística; Variação linguística; Pandemia.

Abstract: *This article seeks to carry out a theoretical reflection on the concepts of General Linguistics and Semiotics that are called for in the thematic approach to the COVID-19 pandemic. Considering the language as a social fact and its different realities, this research aims to demonstrate that, in the midst of the global health crisis, the various discourses drawn up from digital media disseminate and exemplify data that corroborate with the concepts of arbitrariness*

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS. ORCID ID: 0000-0001-9081-3440

² Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS. ORCID ID: 0000-0002-2631-066X.

of signs and the non-stability of the language. Thus, the speeches bring to light processes of linguistic change, synchronic variations, such as neologisms, that opportunize a new sense to discourse. The bibliographic research is based on the theoretical experience of authors such as Saussure (2018), Greimas (2020), Hjelmslev (1975), Landowski (2017) and Barros (2020).

Keywords: *Linguistics; Semiotics; Linguistic change; Linguistic variation; Pandemic.*

Introdução

A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado.

Ferdinand de Saussure (2018, p. 40)

O *Cours* (1916) de Ferdinand de Saussure (1857-1913) inaugurou uma nova projeção no âmbito dos estudos da linguagem, tornando a Linguística reconhecidamente uma ciência. Por meio de publicação póstuma, advinda das anotações de aulas dos seus dois discípulos, Charles Bally e A. Sechehaye, foram desenvolvidas ideias sobre: a) arbitrariedade do signo; b) distinção entre as dicotomias língua/fala, significante/significado, paradigma/sintagma, sincronia/diacronia; c) valor; d) dimensão social da língua; e) semiologia, dentre outros fundamentos. Para Saussure (2018 [1916]), as línguas evoluem e não possuem estabilidade, nem características permanentes, mas apresentam uma transitoriedade delimitada pelo tempo por meio de dois princípios de valor universal, a continuidade e a mutabilidade.

Saussure (2018 [1916], p. 230) tece a seguinte metáfora: “a língua é um vestido feito de remendos”, por entender que a língua não tem uma hipótese, mas um sistema em evolução que decorre do produto social da linguagem e de suas convenções, sendo a história de cada língua uma sucessão de fenômenos analógicos acumulados uns sobre os outros.

Saussure em seu *Cours* estabelece os métodos de estudo da língua: a visão diacrônica que mostra os fatos linguísticos no eixo das sucessividades, nas transformações históricas que incidem continuamente sobre o processo evolutivo da língua e a visão sincrônica que descreve os elementos que compõem, no eixo da contemporaneidade, o estudo dos fatos linguísticos

simultâneos, específicos, em que ocorrem variações em determinada época, região, ou contexto social, incidindo momentaneamente no processo de evolução da língua.

Conforme explica Depecker (2012, p. 56), o esboço dos eixos que se cruzam, trazido nas anotações de Saussure, é o “esquema indispensável para pensar os fatos linguísticos e determinar a tarefa do linguista”, que não lida com nenhum ser real, substância ou matéria, mas com um *sistema* do qual o sentido encontra-se em ação no seio de um sistema de *signos* e de *valores*. A língua repousa na representação, no efeito de ações mentais isoladas ou combinadas por forças psicológicas, sendo a “diferença das formas” (SAUSSURE, 2004, p. 47) a base apreensível fundamental da Linguística. As formas são caracterizadas pelo seu valor diferenciador em sua relação e oposição associados a outros termos. Forma e sentido são compreendidos conjuntamente; sem um ou outro, não há fato ou signo linguístico.

A questão sobre a arbitrariedade da língua é fundamentada por Saussure (2018 [1916]), ao elucidar que a língua não pode ser alterada por fazer parte de um produto da história da sociedade. Há uma relação absoluta entre conceito e imagem acústica; ainda que radicalmente arbitrários, são indissolúveis.

O caráter arbitrário ou mais ou menos motivado dos signos não lhes advém de sua natureza de signo, mas de sua interpretação, ou seja, do sentimento ou da atitude que uma comunidade linguística ou um indivíduo mantém em face dos signos que utiliza. Trata-se, pois, no caso, de fatos metasemióticos, e não semióticos. (GREIMAS & COURTÉS, 2020, p. 35).

Saussure (2018 [1916]) pontua que a língua é uma expressão de forças sociais e que o signo tem seu valor pela consagração da coletividade como fato social. A Semiologia é apresentada como uma ciência que se debruça sobre o estudo dos signos expressos no seio da vida social, confirmando a criação de uma nova ciência em que a análise se produz por meio do ato de significar. Sendo o signo arbitrário e imotivado, se estabelece uma função comunicativa em uma relação entre significante e significado, tornando complexo o seu sistema, conforme elucidada Saussure (2018 [1916], p. 113-114):

Uma língua constitui um sistema. Se, como veremos adiante, esse é o lado pelo qual a língua não é completamente arbitrária e onde impera uma razão relativa, é também o

ponto onde avulta a incompetência da massa para transformá-la. Pois tal sistema é um mecanismo complexo; só se pode compreendê-lo pela reflexão; mesmo aqueles que dele fazem uso cotidiano, ignoram-no profundamente. Não se poderia conceber uma transformação que tal sem a intervenção de especialistas, gramáticos, lógicos etc.; a experiência, porém, mostra que até agora as intervenções nesse sentido não tiveram êxito algum.

A evolução da teoria linguística edificada por seus representantes indica a presença marcante do interesse filosófico e dos conceitos da lógica sistematizando as premissas e os métodos de uma linguística baseada em *relações*. O signo, elemento básico da estrutura linguística, ao se desdobrar em *significante/significado*, possibilitando uma análise semântica na Linguística, ganha a atenção de outro linguista que reinterpreta o conceito: a glossemática de Hjelmslev.

Louis Trolle Hjelmslev (1899-1965), ao compreender as concepções saussurianas de *língua/fala*, como sendo a *língua* um sistema de signos e um produto social, e a *fala*, de uso individual e acessório, manifesta a necessidade de identificar as unidades mínimas (semas) que compõem o signo. Desse modo, o autor consolida coerência científica e matemática para a construção da teoria da semântica componencial³. Nesse sentido, Hjelmslev postula o isomorfismo entre o plano de conteúdo (significado) e o plano da expressão (significante) das línguas naturais, possibilitando “a construção de inúmeras linhas morfológicas e sintáticas” (LOPES, 2003, p. 238), tornando claro, para os membros do *Cercle Linguistique de Copenhague*, do qual foi fundador, a estrutura como uma entidade autônoma de dependências externas.

Barthes (1971, p. 21) esclarece que Hjelmslev “formaliza radicalmente o conceito de Língua (sob o nome de esquema) e elimina a fala concreta em proveito de um conceito mais social, o uso”, demonstrando que as pesquisas de Saussure e Hjelmslev deram ênfase e estruturaram às devidas condições para uma organização de bases científicas, isolando os semas e descrevendo os mecanismos combinatórios (LOPES, 2003, p. 241).

³ “Chamaremos de *componente semântico* (plerema, semema, marcador semântico, categoria semântica, *sema*) aquilo que as palavras dos diferentes grupos possuem em comum” (LOPES, 2003, p. 239, grifo do autor).

Os prolegômenos de Hjelmslev abordam a fenomenologia humana, a linguagem como mecanismo que molda o pensamento humano, “seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana” (HJELMSLEV, 1975[1961], p. 01).

A teoria da significação fundamentada na fenomenologia e de caráter sincrônico, consagrou-se como *ciência* a partir de Bernard Pottier e Algirdas Julien Greimas. Pottier apresentou alguns aspectos para estabelecer uma descrição semântica de qualidade e com especificidade científica, definindo a unidade mínima do plano de conteúdo, o *sema*, a descrição dos campos semânticos que se distribuem de forma harmônica e estrutural e a descrição sistemática do conjunto constitutivo dos *sememas* (LOPES, 2003, p. 280). Greimas (1917-1992) promoveu por longo período intensas pesquisas sobre as obras de F. Saussure e L. Hjelmslev, a estrutura do mito de Claude Lévi-Strauss (1829-1902), os contos populares de Vladimir Propp (1895-1970) e de outros grandes teóricos, posteriormente concluindo sua obra *Semântica Estrutural*, que veio a contribuir consideravelmente com os estudos de linguagem na esfera da semântica e da semiótica.

Greimas e Pottier uniram os conceitos preditos em torno de um modelo de visão estruturalista composto em termos de *relações* ou *valores*. Esse modelo apresenta-se como um sistema que estabelece a significação a partir da percepção de uma estrutura elementar que traz um tipo de relação, conforme explica Lopes (2003, p. 312, grifo do autor): “[...] a primeira definição de Greimas para *estrutura*: “*presença de dois termos vinculados por uma relação*”. [...] a significação pressupõe a interveniência de uma relação: sem relação não há significação”.

O historiador francês François Dosse (1993), que compilou por meio de entrevistas a trajetória de intelectuais de pensamento de origem estruturalista, elucida que Greimas recorreu ao modelo linguístico de Hjelmslev para estabelecer sua semântica estrutural por meio da oposição de dois níveis diferentes de análise: a língua como o objeto de estudo, e os instrumentos linguísticos representando uma metalinguística (DOSSE, 1993, p. 242). Na

opinião do semioticista francês Jean-Claude Coquet, que manteve contato com Greimas na *Université de Poitiers*, “*Sémantique Structurale* foi um livro verdadeiramente genial, pletórico de ideias, um livro-mestre desse período” (DOSSE, 1993, p. 245).

Língua e sociedade: uma visão multidisciplinar

Atendo-se aos conceitos da Sociolinguística a partir do estudo da Linguística Histórica para compreensão dos fenômenos linguísticos, Faraco (2017, p. 152) afirma que o linguista Antoine Meillet (1866-1936), aluno de Saussure, foi o precursor da concepção mais sociológica da língua/fala, elaborando uma perspectiva que consolidava as condições sociais como influenciadoras e decisivas na língua e em suas mudanças. O autor aderiu à ideia saussuriana da língua como um fato social e como uma ciência multidisciplinar: “todo fato de língua manifesta um fato de civilização” (FARACO, 2017, p. 153).

Segundo Meillet, a análise de Saussure permitia entender a diversidade do vocabulário das populações não aristocráticas dependendo de lugar para lugar, não havendo na história da humanidade uma linearidade, e que a Linguística como ciência, teria como determinante a heterogeneidade sociocultural das línguas (FARACO, 2017, p.154).

Na concepção de Barthes (1971, p. 26), houve um caráter inovador com o alcance sociológico do conceito língua/fala, porém, a linguística desenvolvida por Saussure, por meio do conceito de sistema de valores, “levou a aceitar a necessidade de uma análise imanente da instituição linguística: imanência que repugna à pesquisa sociológica”. Insatisfeito com a visão dos adeptos à exclusão das questões externas da fala, Meillet, que baseou seus conceitos iniciais nas ideias do pensamento do sociólogo Émile Durkheim (1858-1917), em aula inaugural de Gramática Comparada no *Collège de France*, discorre da seguinte forma:

O elemento variável que falta determinar não pode evidentemente ser encontrado na estrutura anatômica dos órgãos ou no funcionamento desses órgãos; tampouco se encontra no funcionamento psíquico: trata-se no caso de dados constantes, que são por toda parte sensivelmente os mesmos, e que não encerram em si princípios de variação.

Mas há um elemento cujas circunstâncias provocam variações perpétuas, ora repentinas, ora lentas, mas nunca inteiramente interrompidas: **é a estrutura da sociedade**. (MEILLET, 2020, p. 50, grifo nosso).

Outros grandes nomes remetem a uma análise sobre a linguagem como fato social, sancionando uma nova fase na Linguística. Dentre eles, podemos citar a filosofia de Merleau-Ponty (1908-1961) ligada às teorias da fenomenologia da linguagem e com ênfase sobre *sistema*, elencando a oposição *acontecimento* e *estrutura* (BARTHES, 1971, p. 27) ampliando a noção de língua/fala. Outro pensador, André Martinet (1908-1999) preocupa-se com a dinâmica da mudança linguística, os movimentos internos e externos, pois, segundo esse autor, os “sistemas linguísticos embora bem estruturados nunca se encontram em perfeito equilíbrio, havendo, portanto, pontos de desequilíbrio latente que favorecem a mudança” (FARACO, 2017, p. 158).

Nesse sentido, a Sociolinguística traz grande contribuição para o entendimento dos conceitos acerca da variação linguística sob os aspectos empíricos que avalizam as diferenças, tratando a língua como um comportamento social, conforme esclarece Pietroforte (2002, p. 92): “os estudos linguísticos fundam uma Sociolinguística, que observa com atenção as relações entre a língua e os fatores sociais, geográficos e históricos que determinam sua realização”. As transformações desencadeadas pelos processos sociais são mediadas pela linguagem/língua em um sistema dinâmico e variável em que os acontecimentos, os hábitos, as crenças e valores são determinantes para o contexto linguístico.

O sociolinguista Basil Bernstein (1924-2000) propôs uma distinção entre linguagem e fala, sendo a “linguagem” um sistema de regras composto por *códigos*, e “fala” uma atividade para transmitir a informação com base nos códigos. Um código, ou sistema, poderia reproduzir infinitos códigos de fala ou “códigos linguísticos”, que Pais (1979, p. 229) define ao contextualizar o trabalho de Bernstein como: “estratégias linguísticas que, transmitidas pela estrutura social em nível da fala, se realizam sistematicamente como formas verbais, relativamente independentes dos contextos individuais”. O autor afirma, ainda, que os códigos linguísticos se manifestam de forma elaborada e restrita, como uma função de relações sociais em um planejamento verbal.

Os códigos, principalmente o linguístico, constituem um permanente nascer de signos. Esse contínuo enriquecimento é uma exigência do próprio meio social que está em constante evolução. Como ambos caminham lado a lado, há uma homologia entre estrutura da linguagem e estrutura da ação: desenvolvimento do sistema semiótico linguístico e desenvolvimento sociocultural e técnico-científico ocorrem paralelamente - há uma interdependência dos dois processos. (BARBOSA, 1978, p. 192-193).

Para Saussure (2018 [1916], p. 106), o signo linguístico é “uma entidade psíquica de duas faces” que se relacionam: conceito e imagem acústica, trilhando um processo de significação baseado nos fatores sociais. A visão saussuriana sobre uma teoria da significação, a semiologia, trouxe à lume importantes contribuições para os estudos mais aprofundados sobre sistema de signos, estes que regem a composição dos enunciados.

Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no **conjunto dos fatos humanos**. (SAUSSURE, 2018 [1916], p. 47-48, grifo nosso).

Charles S. Peirce (1839-1914), concomitante à época de Saussure, desenvolve nos Estados Unidos, uma distinta vertente da teoria “semiótica” como a ciência capaz de apreender a lógica dos signos. Cabe ressaltar, no entanto, que somente pela formação da Escola de Paris através da iniciativa de Greimas, que a Semiótica se desenvolve estabelecendo relações sob um tríplice aspecto (LANDOWSKI, 2017, p. 24): a fenomenologia segundo Merleau-Ponty; a metalinguística de Hjelmslev; e os conceitos do saber antropológico de Lévi-Strauss a partir de uma *bricolage*⁴, e do filólogo George Dumézil com a visão sobre a ordem social, resultando em um campo heterogêneo para os estudos da significação.

Sendo assim, a Semiótica torna-se a ciência da significação, cujo objetivo é explicar como se operam os sentidos advindos dos processos verbais ou não

⁴ Termo originário do francês, *bricolage* são trabalhos manuais feitos de forma improvisada utilizando de material diversificado. É utilizada por Lévi-Strauss (1989, p. 38) para conceituar o “pensamento mítico” que em sua concepção diz elaborar as estruturas que organizam os fatos e, partindo desses, a ciência instaura suas hipóteses e teorias.

verbais, constituídos pelos grupos sociais que, de tempos em tempos, formulam ou ressignificam os signos conforme a necessidade linguageira da coletividade. Esse processo merece um olhar atento por parte dos pesquisadores, conforme elucida Barbosa (1978, p. 185-186, grifo nosso):

Do ponto de vista sociológico, assim como do da semiótica, cada nova proposição do signo merece atenção especial, pois não implica apenas a composição de percepção de um **novo fato** antro-po-cultural e de uma nova unidade linguística. [...] Na realidade, o mecanismo de formação de novo signo, ou de atribuição de um novo significado aos signos já existentes, é um processo frequentemente complexo, de formulação e de seleção das proposições feitas no quadro do grupo social interessado.

As variações síncronas manifestam a inovação dos signos e a movimentação da língua, reflexos das transformações dos processos socioculturais de um grupo em determinado contexto ideológico. Barbosa (1978, p. 187) afirma que o léxico sendo o conjunto dos elementos do código linguístico de uma comunidade, exprime “o conteúdo da experiência social”. Dar significado, materializar a experiência de forma dinâmica é resultado das “necessidades criadas por uma nova situação social” (BARBOSA, 1978, p. 185).

Os pontos elencados evidenciam os desdobramentos da evolução da linguagem que parte da estrutura social, aspecto que se destaca como fator influenciador nas questões de mudança e variação linguística.⁵ A heterogeneidade dos sentidos, dos saberes, das culturas, dos fatores que dão suporte à ressignificação ou ao surgimento de novas unidades linguísticas fundamentam as relações linguageiras.

A significação em tempos de pandemia

A era da internet com suas redes sociais iniciou um sistema de valores inovador, determinando em tempo real a criação, a difusão e a acessibilidade às informações e discursos de toda ordem, consagrando diferentes manifestações ideológicas de bases contemporâneas. Nesse sentido, homologaram-se diferentes formas de linguagem em sistemas semióticos pluriplanos que,

⁵ Bagno (2020, e-book) diz que são inevitáveis as mudanças linguísticas podendo ser “aceleradas, retardadas ou até revertidas de acordo com fatores socioculturais, sociolinguísticos e sociocognitivos”.

continuamente, sofrem uma plurissignificação sígnica de acordo com o contexto sociocultural e suas temáticas cotidianas.

Interessante, nesse contexto, mencionar os postulados dos neologismos lexicais partindo das ideias do linguista e terminólogo, Jean-Claude Boulanger (1946 - 2018). O autor se debruçou sobre os conceitos da neologia tratando-os como:

[...] atividade de criar novas unidades lexicais [...] por meio da criação de novos significados, ou seja, da invenção de significados que não estavam listados na época da criação; recorrendo ao empréstimo de um significante e/ou significado de uma língua estrangeira, ou seja, a inserção de uma forma e/ou significado que não eram conhecidos da língua hospedeira no momento da operação de empréstimo. (BOULANGER, 2010, *on-line*, tradução nossa)⁶.

O neologismo está muito associado aos discursos contemporâneos, principalmente nas narrativas relacionadas ao mundo digital e ocorre por meio de empréstimos estrangeiros ou de novos significados atribuídos a um significante já existente, ou ainda, pela derivação, composição ou redução de palavras.

Considerando os aspectos supracitados nesta abordagem sobre os estudos de linguagem e seus desdobramentos, pode-se elencar para fins de análise o contexto dos discursos sobre a pandemia da COVID-19. Essa temática catastrófica de alcance global modificou as narrativas em todos os meios de comunicação, havendo uma disseminação de termos científicos que anteriormente eram empregados somente por autoridades em saúde, e neologismos que foram criados e aderidos nas construções narrativas da população mundial, sendo a temática da pandemia um fato social que se tornou importante objeto de estudo multidisciplinar.

⁶ [...] *c'est se livrer à l'activité de création d'unités lexicales nouvelles [...] par la confection de sens inédits, c'est-à-dire l'invention de signifiés qui n'étaient pas répertoriés au moment de la création; par le recours à l'emprunt d'un signifiant et/ou d'un signifié à une langue étrangère, c'est-à-dire l'insertion d'une forme et/ou d'un sens qui n'étaient pas connus de la langue d'accueil au moment de l'opération d'emprunt.* Disponível em: <https://boulanger.recherche.usherbrooke.ca/document-article-boulanger_2010>. Acesso em: 24 junho 2021.

Tendo em vista os conceitos advindos da Linguística Geral e da Semiótica, as ações languageiras estão materializadas nos diferentes gêneros textuais, configurando eventos linguísticos movidos por razão, emoção ou pela intencionalidade de atores que são dotados de capacidade de produção narrativa e persuasiva. A Semiótica é uma teoria de previsibilidade, diz Fiorin (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 10) no prefácio do Dicionário de Semiótica:

[...] é uma ciência absolutamente necessária em nossa época, em que novos objetos textuais, nos quais os sentidos se manifestam por meios de diferentes planos de expressão, ganham um relevo muito grande por causa da rede mundial de computadores.

A pandemia de SARS-CoV-2, termo científico do vírus da COVID-19, transformou o cotidiano das pessoas em todos os pontos do planeta. O ano de 2020 será lembrado na história pelos muitos desafios compulsórios para as situações de enfrentamento contra uma doença desprovida de dados científicos capazes de sanar sua velocidade de transmissão, redução da letalidade e de garantir a minimização dos riscos nos locais em situação de vulnerabilidade socioambiental até a distribuição em massa de uma vacina segura.

Os discursos midiáticos na era das redes sociais, como as *fake news*, professavam a polarização política das informações e uma falsa desmistificação do vírus enunciando o sentido de risco mínimo ou flexibilização das medidas, imprimindo um processo de disjunção com a informação de responsabilidade, comprometendo a eficácia no combate à doença e disseminando o chamado discurso do *negacionismo científico*.

Advindo dos conceitos da *agnostologia* - neologismo criado em 1995 por Robert Proctor, professor de História da Ciência da Universidade de Stanford para ampliar os estudos sobre a produção política e cultural da ignorância e da desinformação – o negacionismo foi observado por meio das discussões públicas e caracterizado em cinco elementos constitutivos: identificação de conspirações quando a esmagadora opinião científica acredita que algo é verdade; utilização de falsos *experts* que se dizem especialistas, mas cujo conhecimento é inconsistente; apoiar-se na seletividade de artigos isolados e sem consenso científico dominante; a criação de expectativas impossíveis

durante a pesquisa e uso de deturpações ou falácias lógicas usadas pelos negadores (DIETHELM; MCKEE, 2009, p. 2-3).

Em contrapartida à desinformação sobre a doença e os diversos prejuízos advindos da divulgação de falsos discursos, grupos de pesquisa de vários países se debruçam para restabelecer eficientes sistemas de comunicação científica, como elucida Renan Leonel, pesquisador na Faculdade de Medicina da USP que investiga a institucionalização do discurso negacionista que compromete o combate à pandemia. Em sua análise, Leonel diz que as organizações em que participam as redes sociais, os cientistas, os divulgadores e jornalistas da ciência devem intervir num ponto importante: “além de comunicar a ciência, é preciso comunicar claramente à sociedade o que não é ciência” (TOLEDO, 2020, *online*, Agência FAPESP).

No atual contexto pandêmico de COVID-19, esses sistemas semióticos euforizantes na sua produção de sentido evidenciam um discurso estratégico manipulado pelo enunciador para operar suas transposições e atingir o senso comum, como elucidam Greimas e Courtés (2020, p. 460), “enquanto atividade cognitiva programada, a significação se acha, então, suportada e sustentada pela intencionalidade”, estabelecendo para o enunciatário-intérprete um problema de crise sanitária ainda maior do que já era previsto pelos órgãos e autoridades em saúde, colocando progressivamente a população em risco.

As estratégias advindas dos órgãos e autoridades em saúde no mundo, inicialmente, visavam convocar todos os setores governamentais e sociedade em geral para uma mobilização de contenção ao vírus, conforme sistemática de informações para controle, rastreamento dos casos positivos e o impedimento da transmissão comunitária, possibilitando diminuição do impacto pandêmico e suporte para a corrida contra o tempo na criação de um tratamento antiviral ou vacina como método de prevenção eficaz⁷.

⁷ Resposta à transmissão comunitária de COVID - Orientação provisória 7 de março de 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/51983/OPASBRACOV1920038_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 25 junho 2021.

Por meio da abordagem científica que figura a credibilidade das informações e das instituições, pressupõe-se a competência dos responsáveis frente à narrativa de manipulação de emergência de saúde pública global, que sanciona um movimento de segurança para toda a população. Contraditoriamente, diante do momento atípico de contexto pandêmico, a divulgação dos dados oficiais esteve em conflito com a disseminação e descentralização das informações, procedentes de ideias conspiratórias⁸ e contrárias ao posicionamento das autoridades especializadas no combate ao vírus.

Barros (2020) discorre sobre os estudos da Semiótica no tema das *fake news* na área da saúde, analisando as estratégias discursivas produzidas e os valores disseminados a partir do dizer verdadeiro dos destinatários, nas relações modais entre o ser e o parecer. O contrato veridictório apresenta-se como um jogo discursivo entre destinatário e destinatário, processo em que o destinatário persuadido pelo destinatário e com base nos conhecimentos que detém, interpreta o discurso a seu modo, como diz Barros em entrevista (MOREIRA; LOPES, 2020, p. 23, grifo do autor): “essa interpretação tem ocorrido, principalmente, com base nas crenças e emoções e não com base nos saberes, somente no *crer* e no *sentir*”. A linguagem interdiscursiva das *fake news* é produto de um senso comum que credibiliza a disseminação da desinformação em cadeia.

Assim, o conceito de verossimilhança não é somente o produto cultural de determinada sociedade, sua aquisição exige longa aprendizagem que dá acesso a uma nova “realidade” do mundo fundamentada sobre uma racionalidade adulta [...] O verossímil não diz respeito, pois, à teoria literária, mas a uma tipologia geral dos discursos: surge como uma noção representativa de uma “filosofia de linguagem” historicamente fixada. (GREIMAS, 1978, p. 212-213).

No Brasil, a falta de recursos e investimentos em pesquisas e tecnologia impacta negativamente a cultura da informação, contribuindo para que órgãos extraoficiais e imprensa sensacionalista executem uma práxis enunciativa

⁸ *Coronavírus e 'sopa de morcego'? Teoria de conspiração e fake news se espalham com avanço de surto*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51311226>>. Acesso em: 25 junho 2021.

manipuladora, tendenciosa e capciosa. Nesse particular, Fontanille (2017, p. 987) elucida que “a práxis enunciativa implica assim cadeias de operações, organizadas no tempo coletivo, e uma capacidade de criação e de renovação na produção das figuras do sentido, sob a coerção de condições culturais”. Nesse sentido, o campo se abre aos discursos ideológicos, contraideológicos, em que a função do interpretante

[...] é a de decodificar a mensagem enquanto prática social, a partir dos códigos e discursos alheios que formam o complexo dos sistemas modelizantes através dos quais *uma sociedade se interioriza em cada um dos indivíduos que a integra*. Pois uma visão do mundo assume, para ser declarada, a forma de um discurso. Assim, *um discurso que designe outro discurso ou que com outro discurso se autorize, toma esse segundo discurso como seu interpretante ideológico*. (LOPES, 1978, p. 37).

O mundo digital faz parte do cotidiano da maioria das pessoas no mundo. A linguagem da pandemia tornou-se potencializada pelas ferramentas tecnológicas que manifestaram e circularam em tempo real, os discursos ideológicos estabelecendo relações interdiscursivas e intertextuais que interferem na proposição da difusão de uma informação verídica ou na apreensão de uma falsa informação.

As relações sintagmáticas e paradigmáticas nos textos com a temática da pandemia no Brasil remetem a uma análise sobre os lexemas que foram inseridos no cotidiano dos brasileiros enriquecendo as práticas languageiras. *Pandemia, isolamento social, distanciamento social, quarentena, máscara, achatar a curva, coronavírus, COVID-19, grupo de risco, assintomático, teste PCR, cloroquina, fique em casa, cepa, EPI* (equipamento de proteção individual), *novo normal, OMS (Organização Mundial de Saúde), vacina*, entre outros, e empréstimos da língua inglesa como *lockdown, fake news, lives, home office, swab, SARS-COV-2*⁹. Essas palavras possuem em comum a presença do sema – *doença*, constituído por ser um sema contextual, ou classema, encontrados na estrutura discursiva com temática sobre a pandemia do novo coronavírus.

⁹ “SARS-CoV-2 (sigla do inglês *severe acute respiratory syndrome*) s.f. nome oficial para a ‘síndrome respiratória aguda grave – coronavírus 2’ que causa a Covid-19” (ZAVAGLIA, 2020, p. 33).

O lexema realiza-se no momento da semiose, isto é, da conjunção do formante e do núcleo sêmico que ele recobre; mas sua realização sintagmática é também sua inscrição no enunciado cujos **semas contextuais** ele recolhe, os quais lhe permitem constituir-se em **semema**, selecionando para ele o **percurso único** (ou vários percursos no caso de pluri-isotopia) da manifestação da significação. (GREIMAS & COURTÉS, 2020, p. 283, grifo nosso).

Nos enunciados relacionados à pandemia, constata-se a utilização de lexemas que permitem percursos discursivos a partir de um núcleo comum isotopante. Os efeitos de sentido criados nos enunciados são figurativizados por esses lexemas que facultam a interpretação de um fato, uma situação de problemática global. A figuratividade permite a percepção do discurso social transformado pelos valores axiológicos, como no caso do sema “doença”, que se torna uma estrutura elementar que está pressuposta nas temáticas de pandemia da COVID-19, como pode-se apurar nesse fragmento retirado do site G1 Retrospectiva 2020:

Ninguém escapou: das crianças em **aulas online** improvisadas, que aprofundaram desigualdades, ao vovô aprendendo às pressas como fazer chamadas em vídeo para matar a saudade. E levante a mão quem não cometeu uma gafe na reunião virtual. Onde havia mais renda e a possibilidade de **ficar em casa**, foi a internet que abasteceu as famílias não só com **delivery** de comida, mas de tudo – até as vendas de notebooks aumentaram, junto com itens que ajudaram a montar o tal “**home office**” às pressas. Mas... um esperado fim da **pandemia** em 2021 não vai mudar o curso desses movimentos - eles já existiam, só foram acelerados. (FEITOSA JR; OLIVEIRA; MIOTTO, 2020, *online*, grifo nosso).

No discurso da pandemia, pode-se perceber como a língua passa por processos de renovação lexical, vindo à tona a ideia de Saussure sobre as relações associativas, quando o discurso final se compõe por combinações, fatos, valores e cuja essência é repleta de significação, podendo surgir expressões novas ou adaptação de termos existentes de acordo com a necessidade do contexto, visto que no campo do léxico a história sociocultural de um grupamento se revela e se organiza.

As famosas *hashtags* das redes sociais colocam em evidência e separam as publicações de neologismos a partir de contrações, como: *coronga*, cujo significado remete à vulgarização do termo coronavírus; *arentena*, que em

tempos de confinamento faz analogia aos solitários do isolamento social; *cloroquiner*, associado aos adeptos de tratamento medicamentoso sem comprovação científica; *quarentreino*, relacionado ao público que mesmo em isolamento social, não dispensou o treinamento físico; *quarentener*, termo dado àquele que acatou todas as orientações sobre medidas de isolamento social, orientadas pelas autoridades e organizações na área de saúde.

Inovações linguísticas referentes à temática da COVID-19 inseridas nas narrativas advindas das redes sociais, são intencionalmente praticadas nos discursos, porém, pressupõe-se que estas possuam duração estimada para o fim da problemática de saúde global, mas, para os estudiosos em linguagem não são temporários nem passageiros, pois estão em sincronia com um potencial científico. A *langue* tende a se transformar no contexto da comunidade linguística, pois a arbitrariedade do signo oportuniza essas inovações que se encontram constituídas de valor e carregadas de sentido e que reforçam a sua posição no eixo das sucessividades com um fato inédito no contexto da sociedade.

Considerações finais

Tendo em vista que o objetivo estabelecido neste artigo era entrelaçar alguns conceitos da língua/fala e da teoria da significação com o intento de buscar desmistificar os discursos temáticos da pandemia de COVID-19, verificamos a relação intrínseca da estrutura organizacional dos discursos com a vida social. Os aspectos da análise linguística e semiótica demonstram que todo texto tem uma intencionalidade anterior ou posterior gerada por uma contextualização para alcançar a produção de sentido e seus efeitos de verdade.

O uso dos neologismos nos discursos em tempos de pandemia demonstrou a existência de uma variação sincrônica e, concomitante a esta, um posicionamento no eixo das sucessividades tendo em vista que a catástrofe se tornou um fato social sem precedentes que trouxe uma movimentação linguística advinda de diferentes aspectos da estrutura social, atingindo todas as ciências na busca de um “novo normal”. Conforme elucidou Durkheim (2007, p. 3-4), os fatos sociais se apresentam como “maneiras de agir, de pensar e de sentir,

exteriores aos indivíduos, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele [...] e é a eles que deve ser dada e reservada a qualificação de *sociais*”.

Referências

- BARBOSA, Maria Aparecida. *Aspectos da dinâmica do neologismo*. Língua e Literatura. São Paulo, FFLCH-USP, n. 7, p. 185-208, 1978.
- BAGNO, Marcos. *Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii*. 1ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2020. E-book.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Tradução de Izidoro Blikstein. Editora da USP. São Paulo: Cultrix, 1971.
- BOULANGER, Jean-Claude. Sur l'existence des concepts de “néologie” et de “néologisme”. Propos sur un paradoxe lexical et historique, dans Maria Teresa Cabré, *Actes del I Congrés Internacional de Neologia de les Llengües Romàniques*, Barcelone, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, p. 31-73. Disponível em: <https://boulanger.recherche.usherbrooke.ca/document-article-boulanger_2010> Último acesso em: 20 abril 2021.
- DEPECKER, Loïc. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Tradução de Maria Ferreira. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2012.
- DIETHELM, Pascal; MCKEE Martin. Denialism: what is it and how should scientists respond? *European Journal of Public Health*, Volume 19, Issue 1, January 2009, Pages 2–4. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/eurpub/ckn139>>. Último acesso em: 23 março 2021.
- DOSSE, François. *A História do Estruturalismo: O campo do signo – 1945/1966*. vol. 1; trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Tradução Paulo Neves. Revisão Tradução Eduardo Brandão. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. Uma introdução ao estudo da história das línguas. 1ª ed. 5a. reimpressão. São Paulo: Ed. Parábola, 2017.

FEITOSA JR, Alessandro; OLIVEIRA, L.; MIOTTO, R. 2020, *um ano vivido pelas telas*. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/retrospectiva/2020/noticia/2020/12/15/2020-um-ano-vivido-pelas-telas.ghtml>> 15 dezembro 2020. Último acesso em: 23 março 2021.

FONTANILLE, Jacques. Práxis e enunciação: Greimas herdeiro de Saussure. Tradução de Raíssa Medici. *Gragoata*, v. 22 n. 44, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33545>>. Último acesso em: 17 setembro 2020.

GREIMAS, Algirdas Julien. O contrato de veridicção. *Acta Semiótica et Lingvistica*. Revista Internacional de Semiótica e Linguística. V. 2, nº 1. 1978. Disponível em:

<https://www5.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/2016/greimas__a__j__o_cont_rato_de_veridic_ao__.pdf> Último acesso em: 19 outubro 2020.

_____ & COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975 [1961]

LANDOWSKI, Eric. *Com Greimas*. Interações Semióticas. 1ª ed. São Paulo: Ed. Estação das Letras e Cores, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido: Mitológicas*, trad. Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

LOPES, Edward. *Discurso, texto e significação*. Uma teoria interpretante. São Paulo: Cultrix: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

_____. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 18ª ed. São Paulo: Ed. Cultrix. 2003.

MEILLET, Antoine. *A evolução das formas gramaticais*. 1ª ed. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Ed. Parábola: 2020.

MOREIRA, Fernando; LOPES, Joyce. Entrevista com a profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros: a estratégia enunciativa nos discursos de ódio que marcam

ambientes políticos e sociais na contemporaneidade. *Caderno de Campo: Revista de Ciências Sociais*. Nº 28. Set 2020. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/14184>>. Último acesso em: 17 outubro 2020.

PAIS, Cidmar T. *Manual de Linguística*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1979.

PIETROFORTE, Antônio V. Seraphim. *A língua como objeto da linguística*. In: Introdução à linguística [S.l: s.n.], 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 28ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2018 [1916].

TOLEDO, Karina. *Negacionismo científico: a produção política e cultural de desinformação*. Agência FAPESP. 02 setembro 2020. Disponível em: <<https://agencia.fapesp.br/negacionismo-cientifico-a-producao-politica-e-cultural-de-desinformacao/34028/>>. Último acesso em: 17 outubro 2020.

ZAVAGLIA, Adriana. *Glossário de termos ligados à Covid-2019*. Glossaire de termes liés à la Covid-19. [recurso eletrônico] / Adriana Zavaglia, Rentara Tonini Bastiello. São Paulo: FFLCH/USP, 2020.